

Poesia e psicanálise na infância: viagem em torno do picolé

Poetry and psychoanalysis in childhood: journey around the popsicle

Celso Gutfreind*

COMEÇO

No princípio era o **ritmo**. Sabemos que viemos dele, no sentido de que compõe a nossa subjetividade. Nosso alicerce, diante de outras subjetividades – a **intersubjetividade, o que somos, enfim. Chamemos de eu, de self, de identidade (narrativa, para Ricoeur), mas, seja o que for, nasce através das interações com o outro, e um dos poucos canais fundamentais sobre a qual se faz é o verbal.**

Neste sentido somos frutos do ritmo, da prosódia, dos sons, enfim, o que atesta a importância fundamental da poesia em nossas vidas. Está em Winnicott, quando mostrou-nos a importância do ambiente. Em Stern, quando nos mostrou a importância de estar com ou da harmonização afetiva para o desenvolvimento. E, mais recentemente, em Bernard Golse e Victor Guerra, estudiosos do ritmo e de sua importância na constituição do eu.

Tudo isso está muito em voga neste momento culturalmente favorável a patologias marcadas pela falta na constituição da subjetividade, o que inclui transtornos do espectro autista, além de psicossomáticos e patologias do desvalimento (KATZ; COSTA, 2022).

Está em nossos pais e, sobretudo, em nossos avós, que cantavam e contavam para nós, sabendo intuitivamente que nos vacinavam psiquicamente. Daí as referências que seguem, de meu livro de poesias para infância, para pensarmos a psicanálise também da infância. Afinal, uma não vive sem a outra.

* Psicanalista e escritor.

Claro que sons e ritmos transcendem conceitos, mas venho tecendo um, ao longo de meus livros de ensaios mais recentes. **Chamo de poesia fundante a interação do bebê com a mãe e seu entorno e o quanto o que se passa ali pode ser abarcado pela poesia.** Som, ritmo, imagética. Poesia da vida em si, antes do livro. Ali se constituem, segundo o meu construto, os alicerces de um eu que, uma vez fundado, atingirá o que chamo de prosa da continuidade, que é nos tornarmos contadores e ouvintes de nossas vidas e das alheias. Ou seja, saudáveis. Resilientes.

De certa forma, a forma garante o conteúdo. E a prosa, fundamento de nossa saúde, nasce na poesia. A poesia infantil, portanto, ao lado das cantigas de ninar, para além do objeto cultural em que consistem, por serem a nossa matéria-prima, são o protótipo de nossa saúde mental.

A escada lúdica dos números

“O 1 é um poste
pra gente subir,
com uma ponte
toda inclinada,

um quase nada,
ponte sem ponte,
nem eira nem beira,
pra gritar lá em cima:

- Cheguei primeiro...

- Mas não cai o mundo
se chega em segundo -

uiva o 2,
curvo e doído
pra que subam:

ai a gente
deixa pra
ir depois,

mas não muito,
que é a
vez do 3.”

O poema brinca em sons (é poesia) e imagens com os números, uma das primeiras referências poéticas e narrativas de nossa infância. Constrói e desconstrói sentidos, conforme a sonoridade e o desenho de cada numeral. De certa forma, tudo está aí, ou seja, só posso contar e aprender, se puder brincar. Brinco com os números, logo conto.

Assim nos ensinou o Freud, ao aproximar o escritor da criança que brinca ou apresentar-nos a brincadeira como a elaboração de uma separação.

Assim nos ensinou Winnicott, ao desenvolver o conceito de espaço potencial, fundamento do eu e de sua separação do outro, o que só se faz, brincando.

Assim nos ensinou Klein, com a sua técnica do jogo como equivalente da associação livre e base da técnica de uma análise infantil.

Assim nos ensinou Bowlby com as noções de apego e desapego, frutos de interações e brincadeiras.

O poema termina mais ou menos assim:

“Passado o 10,
a subida
complica,

aumenta,
esquenta,
atola.

Agora é a hora
de contar na escola.”

como forma de sugerir poeticamente que, garantidas as bases sonoras, prosódicas e lúdicas do nosso começo, o eu está pronto para separar-se do outro inicial cuidador e buscar o grupo de outros outros, na escola.

A METÁFORA

O poema seguinte sobre o qual nos debruçamos chama-se *O cão e o pato*. Mais do que os versos dele, interessa-me contar uma história sobre ele, a prosa antes da poesia que a engendra. Estava escrito há muitos anos, já antes do livro, e eu o contava em minhas idas às escolas, em projetos de fomento a leitores, o que considero a minha melhor psicanálise, social e comunitária.

No poema, um cão persegue um pato, que foge desesperadamente, primeiro andando, depois correndo e, no final, voando. Na versão inicial, no fim da narrativa poética, o cão volta ao seu dono, que lhe enche de porrada, ou seja, bate nele, ou seja, comete uma violência física. Observei a cena que o inspirou, no parque Bois de Boulogne, em Paris, quando exercia as minhas próprias separações parentais.

Certa feita, em uma escola, uma criança reclamou muito deste final, desorganizou-se com ele, e eu soube depois, pela professora, que era uma criança batida. O episódio me fez mudar o final do poema, mantendo a ideia da violência, mas a revestindo com uma metáfora mais apropriada, protetora, capaz de envelopar. Ficou assim:

“Cão, então, volta sem pato,
mas não fica no abandono.
Toma patada do dono:
- Você fugiu, desgraçado,
vai virar um pato assado,
se fizer isto de novo!”

Considero importante a história do poema a partir da ideia de que o nosso trabalho fundamental em psicanálise é chegar à representação-palavra (Freud), ou seja, poder dizer, ou seja, poder simbolizar. Toda cura passa por isso e a isso chega. “Minha vitória é verbal”, como cantou Jean Genet.

Ou: “O desamparo mais sofrido do ser humano é o desamparo da não representação” (BOTELLA; BOTELLA *apud* KATZ; COSTA, 2022).

Encontrar a metáfora adequada, que protege e envelopa, é fundamental em nosso trabalho. Chegar a ela é o que podemos chamar de mais próximo da cura.

A propósito, em outro poema, a metáfora é justamente essa: o bicho que consegue falar é capaz de partir, e todos partem, a não ser a coruja muda:

“No navio
dos silêncios mil,
quem falou sumiu.

A galinha fez
um cocoricó:
voou.

O gato fez
miau, miau
e tchau.

A ovelha
fez meé,
e até.

(.....)

O navio, contudo, partiu com um marujo: a coruja muda.

Reparem no recurso da métrica, pois o verso da coruja muda é longo, sem cesura ou sem direito à poesia. Na forma.

No conteúdo, psicanalistas da infância e de adultos, com infâncias restituídas, estão sempre na contramão da mudez e do silêncio.

Apoteose da língua

“No pátio,
o pato
e a pata
sem pito
paparam
pipoca
nos potes
dos pintos
(o Pedro
e o Paulo)

peludos
pintados
de prata
tão lindos.

Como não era
competição,
empataram.”

Neste poema, que fala ou canta por si, como em toda poesia em geral e, em especial, para a infância, o som se sobrepõe ao sentido e brinca sem se preocupar com ele, com a ideia sentida de que é justo nessa brincadeira que nos fundamos, nos contamos, nos tornamos capazes de, depois, buscar os sentidos.

Ela constitui o espaço potencial (Winnicott) e permite, a um só tempo, que a gente possa primeiro se constituir e depois partir.

Sublimação

“Bota, Beto, é pra botar
com calça ou com abrigo,
mão é pra dar a mão
para uma outra mão,
amigo não topa tapa,
chute nem beliscão,

pé é pra andar a pé
(correndo ou de bicicleta),
mordida é só pra comida,
feijão, arroz ou pinhão
e na casca (fina, é claro),
dar aquele mordidão.”

Há aqui um exercício bastante representativo do que acontece numa psicanálise bem sucedida da criança propriamente dita e na da criança de qualquer idade. Pulsões de morte buscam uma representação para se tornarem

verdadeiras pulsões de vida, processo garantido pela sublimação (Freud), e com a ideia (Freud, Nietzsche) de que só a arte nos salva.

Toda arte que se preza termina em criação. Ela parte de uma violência, imaginada, fantasiada ou mesmo atuada e atinge ritmo, palavra, representação.

Toda vida em psicanálise que se preza realiza o mesmo trajeto:

“O que fazer do problema?

Um papo, Beto,
um suspiro, Beto,
uma canção, um poema
ou no auge: um brinquedo.

Ou um longo silêncio, Beto,
entre risos barulhentos,
verdadeiras gargalhadas.
Mas, se o tapa for maior

e chegar à bofetada,
Beto, a gente transforma
o tapa em batucada.”

Do ritmo viemos, em nos casos mais bem sucedidos de cura, e a ele voltamos, se a cura se sustenta.

Sublimação – parte 2

“Deem uma onça
ao menino artista,
um pincel, a tinta
e mais nada.

Sem urros e umas
pinceladas depois,
tudo o que verão
é a onça pintada.”

Gosto da imagem desse poema. Gosto de pensar a psicanálise da infância e de todas as idades como o trabalho de transformar a onça da pulsão na representação da onça-pintada. Ou seja, garantida pela poesia e pela prosa, um trabalho de artistas em criação conjunta.

Psicanalista, no fundo, é um poeta pintor de onças. Da coisa sem nome (Bion) ao nome. Da onça à onça-pintada.

REPARAÇÃO

Anunciada por Freud e aprofundada por Klein, a reparação ou restauração interior dos objetos atacados pelas fantasias é o construto que figura um processo importante dentro do que se passa em uma análise, em qualquer idade. O poema seguinte nos ajuda a acompanhá-lo:

“O gato fez
gato e
sapato
do sapato.

O sapato, coitado,
furado estropiado,
caiu no saco de gatos.”

A imagem do gato fazendo gato e sapato do sapato avulta como metáfora dos ataques internos. Dos traumas, inclusive. Da vida real, para além do narcisismo parental (Freud). Mas, em seguida, ao longo do próprio poema, a reparação entra em cena, como em uma análise, ritmo engendrando fala:

“O sapateiro deu um jeito
no sapato. O sapato saiu
zero bala.

Lá fora
fez gato
e sapato
do gato.

O gato
voltou
pro saco
de gatos.”

Velho narcisismo dos novos tempos

“Joelho esfolado
e a calça caindo.

Isto, sim, é domingo!”

Gosto desse poema sintético (um haikai), que me permite falar de nossa época excessivamente narcisista e de uma nova criança cultural (Golse), marcada também pela falta de limites de um narcisismo parental ainda mais elevado ao de quando Freud desenvolveu o seu conceito, em 1914.

Soma-se a isso a rarefação das presenças do outro, o excesso de redes sociais, gerando o sofrimento que nos chega com crianças marcadas pelo excesso de proteção e a falta de capacidade poética e narrativa.

A análise, como a poesia, tenta restaurá-las.

O sintoma e a psicanálise

“Minha
vizinha
pequeninha
solta
um
grande
grito.

Reclamam
enormes
vizinhos
aflitos

e, no entrevero de gritos,
ninguém mais fica sozinho.”

Talvez esteja aí o poema menos metafórico e mais “psicanalítico” do conjunto. Expressa o que é o sintoma, do ponto de vista da psicanálise. Não algo a ser abatido ou sedado, mas sim uma tentativa de buscar – o grito – uma ajuda, uma escuta, uma compreensão. Algo destinado à escuta do outro (pais, analista). Algo a ser enfrentado com o ritmo do encontro, em busca de uma narração.

Reparem que, na forma, os versos são feitos de uma única palavra solitária até chegarem à companhia. Os dois últimos, já acompanhados, trazem palavras que não estão mais sozinhas.

Trazer palavras que não estão mais sozinhas é um dos objetivos primordiais de uma análise.

DESTINO DE TODA ANÁLISE BEM SUCEDIDA: A HISTÓRIA DE UMA TAGARELA

Penso que, em qualquer idade, uma análise bem sucedida viaja do silêncio para poder dizer. Pensar e dizer. Sentir e dizer. Representar e simbolizar. Por isso não é raro que crianças saiam de uma análise tagarelas como deveriam ser, antes dela.

Lembro-me de Saramago, em uma conferência, dizendo que o momento mais lindo de uma vida é quando uma criança se torna tagarela e não para de perguntar por que. E o mais triste é quando os adultos, de saco cheio, convencem-na a parar de perguntar.

A poesia e a análise retomam a pergunta.

Geramos ludicamente com elas crianças tagarelas: mais falantes, mais questionadoras, mais difíceis, conforme o poema:

“A menina
tagarela
fala por si,
por ti, por ele
e até por ela,

como se fosse
assunto dela
do que é do cão
ao que é da gente
e da cadela.

Nada escapa
da passarela
de suas palavras,
que rebolam
e dão bola

para todos,
a não ser
o silêncio

que, nos dias
sem menina,
é imenso.”

O nome do medo

“Francisco é o Batman
capaz de tudo de bom
contra todos

do mal,
e que mal tem
ser do bem?

Da sala
ao quarto,
ele é
pura força,

e coragem,
heroísmo,
esperteza
e beleza.

Mas tem um só furo:
o medo do escuro.”

Encerro o artigo com este poema, que, mesmo se abrindo a significados variados conforme o leitor, talvez possa resumir essa tarefa em comum da poesia e da psicanálise infantil: dar nome ao medo.

Afinal, nosso eu veio da poesia e, no encontro com o outro, nomeados os medos e as coisas sem nome, volta a ela. Sentido, representado.

Celso Gutfreind
celso.gut@terra.com.br

Referências

BION, W. R. (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: Puf, 1979.

_____. (1963). *Eléments de la psychanalyse*. Paris : Puf, 1979.

_____. (1970). *Atenção e interpretação*. Tradução de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

BOWLBY, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S.; BREUER, J. (1893). *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1908). *Escritores criativos e devaneio*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

_____. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GOLSE, B. *Les destins du développement chez l'enfant*. Toulouse: Éditions Érès, 2019.

GUERRA, V. *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Éditions Érès, 2018.

GUTFREIND, C. *Oh senhor do picolé & outros poemas refrescantes*. Passo Fundo: Physalis, 2022.

KATZ, G.; COSTA, G. (2022). *Psicanálise das manifestações psicossomáticas*. Porto Alegre: Buqui, 2022.

KLEIN, M. (1923). L'analyse des jeunes enfants. In: *Essais de psychanalyse*. Paris : Payot, 1967.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

STERN, D. *La Constellation maternelle*. Mesnil-sur-L'Estreée: Calmann-Lévy, 1997.

WINNICOTT, D.W. (1971). *Jeu et réalité – L'espace potentiel*. Paris : Gallimard, 1975.